

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL
PLAGEDER**

ODAIR BERWALDT DIETRICH

**O PROCESSO HISTÓRICO E AS TRANSFORMAÇÕES
SOCIOECONÔMICAS QUE OCORRERAM NA CULTURA DO TABACO**

SÃO LOURENÇO DO SUL/RS

2011

ODAIR BERWALDT DIETRICH

**O PROCESSO HISTÓRICO E AS TRANSFORMAÇÕES
SOCIOECONÔMICAS QUE OCORRERAM NA CULTURA DO TABACO**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Karl Martin Monsma

São Lourenço do Sul

2011

ODAIR BERWALDT DIETRICH

**O PROCESSO HISTÓRICO E AS TRANSFORMAÇÕES
SOCIOECONÔMICAS QUE OCORRERAM NA CULTURA DO TABACO**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovado com conceito: (_____)

Prof. Dr. Karl Martin Monsma.
UFRGS

Prof. Dr. Leonardo Alvim Beroldt da Silva
UFRGS

Profa. Valeria Dorneles Fernandes
UFRGS

São Lourenço do Sul, _____ de _____ de 2011.

RESUMO

No presente trabalho faz-se uma análise do processo histórico, das transformações, e evoluções socioeconômicas que ocorreram no cultivo do tabaco, abordando desde a sua descoberta até os dias atuais, pretendendo-se diagnosticar porque o cultivo de tabaco se tornou a principal atividade econômica para a grande maioria dos agricultores familiares. Com a expectativa de clima favorável, o plantio de tabaco torna-se atrativo para a agricultura familiar, tendo em vista, que outras alternativas de cultivo não atingem os valores por hectare alcançados nessas lavouras, principalmente nas pequenas propriedades. A produção de fumo em folha no Brasil está concentrada nos três estados do Sul com cerca de noventa por cento da área nacional cultivada e é realizada por minifúndios, sendo o nosso país o maior exportador de tabaco em folhas e o segundo produtor mundial de tabaco. Indo além das estatísticas, há grandes e poderosas corporações multinacionais que empregam milhares de trabalhadores. A metodologia utilizada no presente trabalho consiste em uma revisão da literatura, pretendendo-se analisar a evolução da área plantada, a produção histórica, os sistemas de cultivo traçando um comparativo da rentabilidade do tabaco com os demais cultivos e, como as indústrias se fazem presentes na produção. A instigação dá-se devido à grande importância econômica do cultivo do tabaco local e também regionalmente, e pelo grande número de agricultores familiares envolvidos nesta atividade, que não encontram alternativas com a mesma rentabilidade nas pequenas propriedades.

Palavras-Chave: Tabaco. História. Produtividade. Economia. Agronegócio.

RESUMEN

En este trabajo se hace un análisis del proceso histórico, de las transformaciones, y las evoluciones socioeconómicas que sufrió el cultivo del tabaco, abordando desde su descubierta hasta la actualidad, se quiere diagnosticar porque el cultivo del tabaco se volvió la principal actividad económica para la grande mayoría de los agricultores familiares. Con expectativa de clima favorable, el plantío del tabaco se ha vuelto atractivo para la agricultura familiar, considerando que otras alternativas de cultivo no atingen los valores por hectárea logrados en estas labranzas, principalmente en pequeñas propiedades. La producción de fumo en hojas en Brasil está concentrada en los tres estados del sur con aproximadamente noventa por ciento del área nacional cultivada y es realizada por minifundios, siendo nuestro país el mayor exportados de tabaco en hojas y el segundo productor mundial de tabaco. Además de las estadísticas, hay grandes y poderosas corporaciones multinacionales que contractan millares de trabajadores. La metodología utilizada en este trabajo consiste en una revisión de la literatura, analizar la evolución del área plantada, la producción histórica, los sistemas del cultivo trazando un comparativo de rentabilidad del tabaco con los demás cultivos y, como las industrias se hacen presentes en la producción. La investigación se da debido a la gran importancia económica del cultivo del tabaco local y también regional y por lo grande número de agricultores familiares envueltos en esta actividad que no encuentran alternativas con la misma rentabilidad en pequeñas propiedades.

Palabras Claves: Tabaco. Historia. Produtividade. Economía. Agronegocio.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Plantações de tabaco da Souza Cruz em meados do século XX.....	15
Figura 2: Lavoura preparada para receber plantio no sistema de cultivo direto com Pré-camalhão e palhada dessecada.....	25
Figura 3: Lavoura de tabaco em desenvolvimento vegetativo constituída no sistema de plantio direto em pré-camalhão.....	26
Figura 4: Mapa do RS com regiões de COREDE's.....	33
Figura 5: Sistema <i>float</i> desenvolvido pela Souza Cruz para a produção de mudas de tabaco.....	37
Figura 6: Carregamento de estufa (tipo ar forçado) com grampos para secagem.....	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Indicativos das vantagens do cultivo do tabaco em resposta a pergunta “planta fumo por quê?”	17
Tabela 2: Aspectos sociais e econômicos acerca da fumicultura Sul-Brasileira nas safras de 2009 e 2010.....	19
Tabela 3: Produção Sul-Brasileira de tabaco, em toneladas (t), das safras de 2009 e 2010.....	20
Tabela 4: A dimensão da Fumicultura Brasileira nos estados do sul, nas safras de 2009 e 2010.....	21
Tabela 5: Representação econômica das negociações com o fumo no Brasil em 2009.....	21
Tabela 6: A importância social em relação aos empregos diretos e indiretos oportunizados na safra de 2008/09.....	22
Tabela 7: Projeção da produção Sul-Brasileira de tabaco em toneladas (t) nas safras de 2009, 2010 e 2011.....	22
Tabela 8: Maiores exportadores mundiais de fumo, em toneladas (t), nos anos de 2008 e 2009.....	27
Tabela 9: Os Tributos incidentes sobre o cigarro e a margem econômica obtida pela indústria, varejo e fumicultor, no ano de 2005.....	28
Tabela 10: A Produção Brasileira de cigarros no período de 2000 até Agosto/2010.....	28
Tabela 11: Oferta e demanda mundial de tabaco entre os anos de 2003 e 2009.....	29
Tabela 12: Relação dos maiores produtores mundiais de tabaco, em toneladas (t) na safra de 2008/2009.....	29
Tabela 13: Consumo mundial de cigarros (milhões de unidades) no período de 2007 a 2009.....	30
Tabela 14: Os Municípios mais representativos na produção de tabaco na safra de 2008.....	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFUBRA	Associação dos Fumicultores do Brasil
CQCT	Convenção Quadro para Controle do Tabagismo
CUT	Central Única dos Trabalhadores
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FAEP	Federações da Agricultura do Estado do Paraná
FARSUL	Federações da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul
FEE	Fundação de Economia e Estatística
FETAEP	Federações dos Trabalhadores na Agricultura dos Estados
FETAESC	Federações da Agricultura do Estado de Santa Catarina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
MDA	Ministério da Agricultura
NUPES	Núcleo de Pesquisa Social
OMS	Organização Mundial da Saúde
PLAGEDER	Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural
SINDITABACO	Sindicato da Indústria do Fumo
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. METODOLOGIA.....	11
3. O HISTÓRICO DO CULTIVO DO TABACO.....	12
3.1. A EXPANSÃO DO FUMO NO BRASIL.....	13
3.1.1. O Sistema Integrado de produção.....	16
3.1.2. O aumento da área plantada.....	18
3.1.3. A evolução das práticas de manejo do solo.....	23
3.1.4. Os volumes produzidos, exportados e suas receitas.....	26
4. OS MUNICÍPIOS COM MAIOR EXPRESSÃO PRODUTIVA.....	31
5. O CULTIVO DE FUMO NO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL.....	33
6. A RENTABILIDADE DOS PRODUTORES.....	35
6.1. COMPARATIVO DE RENDA: FUMO X OUTRAS CULTURAS.....	36
6.2. INVESTIMENTOS EM NOVAS TECNOLOGIAS.....	36
6.2.1. Produção de mudas.....	37
6.2.2. Estufas/Unidades de Cura.....	38
7. A LOGÍSTICA E SUA DINÂMICA.....	40
8. A RESPONSABILIDADE SOCIAL/AMBIENTAL DO SETOR.....	41
9. AS INSTITUIÇÕES REPRESENTATIVAS RELACIONADAS AO SETOR E SUAS ATUAÇÕES.....	43
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

Por ser oriundo do meio rural e filho de agricultores familiares, tem-se uma relação afetiva pela atividade agrícola, justificando assim a escolha pelo tema abordado no desenvolvimento do presente trabalho e, também, devido à atividade profissional exercida há oito anos como Instrutor de produção de fumo, onde se está inserido no contexto rural do município de São Lourenço do Sul e também da região Sul.

Desde o início dos estudos de graduação no curso Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural – PLAGEDER foram realizados alguns trabalhos voltados à temática do cultivo do fumo, quando surgiram dificuldades para encontrar referências bibliográficas, principalmente no que se referiam ao cultivo do fumo no nosso município e na região Sul.

Esta foi à primeira motivação para realizar como trabalho de conclusão de curso um estudo com o objetivo de abordar a prática do cultivo de tabaco desde o princípio, bem como a maneira que as primeiras famílias iniciaram esta atividade, e fazer uma relação com a atualidade. Outra motivação é o grande número de pessoas envolvidas nesta atividade, as famílias produtoras e os funcionários das indústrias, bem como entidades relacionadas, como a Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA).

As propriedades de agricultura familiar usam a prática da policultura, isto é, além de cultivarem o tabaco trazem traços culturais, ligados ao passado, à tradição das colônias européias no Brasil e à tradição da diversificação de cultivos, fazendo com que estas famílias envolvidas mantenham também outras atividades como a pecuária leiteira, o cultivo de milho, da batata, do feijão, a criação de suínos e aves (patos, gansos, galinhas, marrecos, etc.) e a piscicultura. Há também a produção de hortifrutigranjeiros, que servem para o consumo das famílias, sendo os excedentes comercializados.

Esse trabalho objetiva fazer uma análise da evolução da área plantada, suas mudanças nos sistemas de cultivo, a maneira que ocorre a produção e os volumes produzidos, a presença da indústria no cultivo, traçando-se um comparativo da rentabilidade do tabaco com outros cultivos.

Pretende-se assim diagnosticar porque o cultivo de tabaco – nome comum das plantas do gênero *Nicotiana* L. (Solanaceae) - tornou-se a principal atividade econômica para a grande maioria dos agricultores familiares, apresentando-se uma descrição do processo histórico do cultivo na região, as transformações e evoluções dos produtores da matéria prima (tabaco), além de realizar-se uma contextualização apontando os pontos fortes e fracos do cultivo do tabaco. Assim, espera-se que este trabalho possa servir de referencial para posteriores estudos bem como material de consulta para pessoas interessadas nesta temática.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para elaboração deste trabalho consiste basicamente na revisão da literatura disponível.

Os dados foram adquiridos através de um levantamento bibliográfico e documental a fim de aprofundar os conhecimentos sobre a temática em estudo, fazendo-se uso prioritariamente de fontes, informações e dados secundários.

Foi realizada uma coleta de dados em sítios da Internet, na AFUBRA e no Sindicato da Indústria do Fumo (SINDITABACO), análise dos dados de censos do IBGE, além de pesquisas nos Anuários Brasileiros do Tabaco, conforme relacionado nas referências.

Também foram utilizados os conhecimentos práticos, experiências e observações adquiridas em oito anos de atuação nesse segmento produtivo.

Quanto ao período de análise do presente estudo, o mesmo está concentrado no final da década de 1990 ao ano 2010, em face da disponibilidade de material de acesso.

3. O HISTÓRICO DO CULTIVO DO TABACO

O tabaco atualmente cultivado pelos agricultores possui como única finalidade o comércio, e se tornou um dos mais importantes produtos agrícolas da região sul do Brasil. O consumo de fumo está presente em todos os continentes, e o modo mais comum de apreciação é através do hábito de fumar, há ainda outras formas de consumo como o mascar, e a inalação, menos expressivos.

O que não se sabe ao certo é a origem do fumo, existem diferentes correntes entre pesquisadores e historiadores, mas conforme Ribeiro *et. al.* (2010), os primeiros registros que se tem do consumo, ou do hábito de fumar são os relatos através de cartas que Cristovão Colombo enviou a Portugal, contando que os indígenas tinham um estranho hábito de fumar as folhas de fumo. Esse fato é a evidência que comprova o surgimento do cultivo do tabaco pelos índios, a teoria de que o tabaco seja originário dos Andes e tenha acompanhado a migração dos índios é defendida pela maioria dos estudiosos.

Para os indígenas o consumo do fumo era restrito, apenas os líderes das comunidades faziam uso, eles acreditavam que a fumaça tinha poderes curativos e purificadores e era geralmente utilizado em cerimoniais religiosos buscando proteção contra maus espíritos, cura de ferimentos, dores de cabeça e problemas estomacais (SEFFRIN, 1995).

Os imigrantes logo ficaram adeptos ao consumo das folhas do fumo que inicialmente eram adquiridas dos índios através de um sistema de trocas por quinquilharias. E as primeiras lavouras cultivadas por esses imigrantes visavam à garantia do auto-abastecimento. Os viajantes apreciavam o fumar em suas longas e duradouras viagens, assim fizeram chegar e rapidamente se difundir na Europa que logo demonstrou interesse em adquirir excedentes produzidos no Brasil, de imediato surgiu-se vários negociantes vislumbrando lucro com o comércio (SEFFRIN, 1995).

No século XIX e XX o consumo se difundiu favorecido pela expansão dos mercados e pela era industrial, foram atribuídas ao fumo neste período propriedades medicinais e terapêuticas, que o hábito de fumar proporcionava bem estar e até mesmo poderes curativos. Nessa época a produção visava basicamente auto-abastecimento, mas com o grande aumento da demanda, a necessidade de

produção também aumentou, o cultivo do tabaco começou a representar potencialidade de renda para a agricultura devido à grande procura na Europa.

A produção de fumos escuros perdurou aproximadamente trezentos anos após sua descoberta, fortalecendo a economia de vários centros pelo mundo, no Brasil a produção estava concentrada no Nordeste que era importante pólo produtor e exportador. O cultivo teve contribuição econômica e social significativa e assim permanece, porém a concentração agora esta nos três estado sulinos e predominam fumos claros.

3.1. A EXPANSÃO DO FUMO NO BRASIL

Os imigrantes europeus quando chegaram aqui viram o estranho hábito que os índios tinham que era fumar as folhas do fumo, e começaram a adquiri-lo através do sistema de trocas, por quinquilharias ou até mesmo por objetos pessoais. E em torno 1570 os colonos europeus começaram a cultivar pequenas lavouras em Salvador e Recife localizadas próximas a costa, inicialmente visando produção para o consumo próprio, mas logo o habito se difundiu pela Europa e a procura por tabaco pelos comerciantes portugueses era grande, os colonos comercializavam então seus excedentes e a atividade ganhava fins comerciais (SEFFRIN, 1995).

Havia grandes dificuldades para a comercialização do fumo no Brasil, principalmente em função das enormes distâncias, não existiam estradas e nem meios de transporte adequados para escoar a produção. A partir do século XIX, ocorreram melhorias significativas em sua comercialização, porém, havia um grave problema neste período que era a falta da moeda nas províncias mais distantes dos grandes centros comerciais e populacionais, a maioria das transações ocorria à base de trocas, pois os produtores tinham necessidade de produtos básicos (SEFFRIN, 1995).

No século XIX o fumo era consumido em cachimbos, rapé, fumo de mascar e charuto, mas em meados do século XX começou a ser industrializado em forma de cigarros e o consumo favorecido por boas estratégias de marketing, teve a sua disseminação de forma arrasadora, o tabaco começou a representar grande importância, tanto é que foi incorporado ao brasão de República junto com o café,

(SEFFRIN, 1995). Então o fumo brasileiro tinha três destinos, ainda segundo este autor:

O de primeira e segunda qualidade era mandado para Lisboa, sendo sua maior parte reexportada para outros países da Europa. Outra parte servia de moeda, no período colonial, para o comércio de escravos com a África. E a terceira destinava-se ao consumo interno (SEFFRIN, 1995, p. 20).

No período colonial o tabaco era cultivado sem técnicas, não havia recursos fitossanitários, e as safras tinham grandes oscilações devido a chuvas e secas prolongadas ou até mesmo pragas que atingiam as lavouras. Na Europa os apreciadores aumentaram muito e rapidamente e o fumo brasileiro se beneficiou com esse mercado, em 1768 a produção atingia 3.750 toneladas e recebeu incentivos políticos introduzidos pelo Marquês de Pombal inclusive fazendo exportação de 200.000 quilos via Portugal (SEFFRIN, 1995).

Com esse notório de crescimento a produção de tabaco no Brasil abria novas fronteiras, além da Bahia. De acordo com Seffrin (1995):

Começaram a aparecer áreas fumageiras em Minas Gerais, Goiás, São Paulo, e, de certa forma mais acentuadamente, no Rio Grande do Sul, com a chegada dos imigrantes europeus especialmente de origem germânica. Em 1824, o fumo começou a ser cultivado na colônia de São Leopoldo e, em 1850, na colônia de Santa Cruz, futura capital mundial do fumo (SEFFRIN, 1995, p. 21).

Conforme Seffrin (1995) foi no estado do Rio Grande do Sul por volta de 1920 que teve início o cultivo do tipo *Virgínia*, em seguida em Santa Catarina e posteriormente no Paraná. Esta variedade é atualmente a mais importante no mercado mundial e juntamente com o *Burley* os mais cultivados no Brasil são os chamados fumos claros, utilizados nos *Blends* para a fabricação de cigarros. O predomínio no cenário nacional da produção de tabaco destes três estados prevalece representativamente.



Figura 1: Plantações de tabaco da Souza Cruz em meados do século XX
Fonte: Souza cruz/2011.

As estruturas de lavoura, indústria e comércio do fumo no Brasil existente e consolidado hoje em dia são resultado de fenômenos de difusão ocorridos e incentivados entre 1910 e 1930. Segundo registros encontrados em Seffrin:

No século XIX, notadamente em sua segunda metade, o fumo era produzido em todas as províncias, tendo sido criadas inúmeras fábricas, em varias regiões do país, tanto para o beneficiamento do tabaco, quanto para produção de fumo em corda, rapé, charutos, cigarros ou fumo desfiado. As cifras de exportações de fumo em folha eram significativas, no século passado (SEFFRIN, 1995, p. 22).

No decorrer do século XX, ocorreu o que podemos chamar de especialização do setor, o sul para a produção de fumos claros, principalmente o *Virgínia*, com secagem em estufas e o nordeste em especial a Bahia com a produção de fumos escuros e secagem ao sol para charutos, ocorrendo drásticas reduções nos demais estados brasileiros. Ocorre-se também neste período as concentrações industriais aonde muitas delas, pequenas no ramo deixaram de ser competitivas devido ao capital das grandes empresas ou porque tiveram dificuldades de se adaptar as novas e rápidas exigências do mercado ou ainda porque foram encampadas por outras ou pelo capital internacional (SEFFRIN,1995).

Entre os anos de 1940 e 1980, o tabaco teve o período de maior expansão, o aumento do consumo mundial, com o impulso dado pelas cigarreiras através de excelentes estratégias de publicidade, os fumos claros produzidos no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná tiveram conjunturas de favorecimento e as suas áreas

de cultivo triplicaram e a sua produção quadruplicou. No nordeste a Bahia sofreu a concorrência do estado de alagoas na produção de fumos escuros e a fabricação de charutos (SEFFRIN,1995).

A respeito das regiões de produção no Brasil, conforme Seffrin:

Assim, definiram-se as três regiões produtoras do país: o Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná), pelos fumos claros para cigarros, incluindo em menor escala, a produção do Burley e Galpão Comum; o Nordeste (Bahia e Alagoas) pelos fumos escuros para charutos, e os demais estados (em particular, Minas Gerais, Goiás e São Paulo) pelo fumo em corda.

Quanto aos serviços de divulgação e difusão de tecnologias geradas pelo sistema de pesquisa e os de orientação técnica aos produtores de fumo, estes vieram atrelados aos negócios de fumo que, com o decorrer do tempo gerou o Sistema Integrado de Produção, produzindo fumos comparáveis aos melhores do mundo (SEFFRIN, 1995, p. 26).

3.1.1. O Sistema Integrado de Produção

O sistema integrado consiste no envolvimento de indústrias e produtores. São regulamentadas através de contrato formal estabelecendo cláusulas de responsabilidade entre ambas as partes.

A indústria disponibiliza insumos certificados e aprovados para o cultivo, avaliza financiamentos para o produtor junto às instituições financeiras bem como lhes presta toda a assistência técnica. Com isso, tem o abastecimento de matéria prima, produzida de acordo com as recomendações e necessidades atendendo ao seu público alvo. O produtor tem a segurança de mercado, pois através de contrato pré-estabelecido garante a comercialização de sua produção.

Descrevendo-se de forma simplificada¹ o seu funcionamento: as indústrias prestam assistência técnica, intermedeiam e avalizam financiamentos junto a instituições financeiras. Os produtores têm garantias de mercado para vender toda sua produção com preços preestabelecidos e assistência. Durante a safra pode-se ocorrer o ajuste das estimativas, o volume produzido pode oscilar em detrimento a fatores climáticos ou outras variáveis e com isso as indústrias tem uma previsão muito aproximada do total produzido.

¹ A simplificação, neste caso, em nada compromete a análise da organização e do funcionamento da indústria e do mercado. A simplificação tem o objetivo principal de evitar a análise de fatores históricos que explicam o nascimento, a evolução a consolidação do sistema integrado de produção no Sul.

O sistema integrado foi criado no Brasil e com o passar do tempo foi-se ajustando às necessidades de produtores e indústrias, com esta forma de parceria o setor se fortaleceu resultando em fumos de qualidade superior, produzidos de forma sustentável e atendendo aos anseios do mercado mundial, fazendo do nosso país o maior exportador mundial de tabaco.

Em 1950 foi criada a Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA) nesta época havia a necessidade de uma entidade que assessorasse os produtores, visando à organização e a representação perante as empresas integradoras, existia também carência de um seguro contra a incidência do granizo nas lavouras. Atualmente esta entidade tem papel de grande importância na cadeia produtiva do tabaco, devido ao seguro mutualista e a representatividade que exerce.

Para exemplificar as vantagens deste sistema segue o quadro de pesquisa realizada pela Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA, 2010) junto aos produtores, em conjunto com o Núcleo de Pesquisa Social (NUPES) da universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), onde se observa os percentuais representativos ao levantamento acerca do “porquê” plantar-se fumo, conforme tabela 1.

Tabela 1: Indicativos das vantagens do cultivo do tabaco em resposta a pergunta “planta fumo por quê?”

As respostas à pergunta “planta fumo por quê?” foram:	
Cultura mais rentável	94,2%
Mercado e preços instáveis de outros produtos	90,6%
Garantia de venda e preço negociado	89,4%
Ocupa área de pouca terra	88,4%
Existe a opção do sistema mutualista da Afubra	87,2%
Tamanho reduzido da propriedade	85,6%
Garante mão de obra para a família	83,6%
Recebe orientação técnica e financiamento	80,9%
Outros	119,3%

Fonte: AFUBRA (2009)

O Sistema Integrado é, com certeza, o grande responsável pelos rumos dos mercados que o fumo brasileiro vem conquistando em todo o planeta, pois, se não

fosse esse meio de sintonia entre os setores da cadeia produtiva, o Brasil não seria o que é dentro do cenário mundial da produção de fumo.

3.1.2. O aumento da área plantada

A produção de fumos no Brasil vive um momento excepcional. Os três estados do sul onde se concentra o cultivo têm registrado avanços significativos em termos de volume colhido, a grande expansão de áreas plantadas na última década, como reflexo do incremento no número de produtores, e igualmente, nos ganhos de produtividade, decorrentes da adoção de novas tecnologias.

Todo esse crescimento também fez com que o setor de tabaco mantivesse 2,52 milhões de empregos, dos quais 1,08 milhão diretos e 1,44 milhão indiretos, de acordo com os números da Associação dos fumicultores do Brasil (AFUBRA), na safra 2009/10. Assim, essa lavoura assegurou aos municípios onde é cultivada uma realidade social e econômica bem diferenciada em relação a outras regiões brasileiras (SINDITABACO, 2011).

Diante de todo esse crescimento, atualmente registra-se em torno de 185.000 famílias envolvidas na produção dessa matéria-prima no sul do Brasil. Essas famílias possuem uma área total de aproximadamente dois milhões de hectares de terras, dos quais cerca de 370 mil hectares foram ocupados com tabaco, restando 599 mil hectares de preservação de mata nativa ou de reflorestamento, e cerca de um milhão de hectares para outras culturas, como milho, feijão, batata, cebola, soja, arroz, hortifrutigranjeiros, mandioca, batata doce entre outros (SINDITABACO, 2011).

De acordo com os dados das últimas safras verifica-se que apenas o Estado de Santa Catarina sofreu leve declínio no volume da safra 2008/2009, enquanto o Paraná e o Rio Grande do Sul superaram a produção da safra anterior. O maior facilitador ou, digamos o responsável pelo aumento do volume produzido de tabaco é a pequena área de terras necessária para produção que pode ser feita em pequenas propriedades, empregando mão de obra familiar e atingindo uma remuneração até seis vezes superior à média dos demais produtos agropecuários (SINDITABACO, 2011).

A produção de tabaco é oriunda de minifúndios com tamanho médio de 16,3 hectares, sendo que, a área média cultivada por cada família é de 2,5 ha, isso

representa aproximadamente 40.000 pés, produzindo 1.866 kg por há, conforme safra 2009/10. Nesta mesma safra foram produzidas 691.870 toneladas. Sendo a produção dos três estados do sul responsável por 95% da produção nacional.

Da terra destinada a essa cultura, 190.990 hectares, ou 51,5% foram ocupados também com milho na resteva, em sistema de rotação, aproveitando também os residuais de adubação ainda presentes. Além do milho, o produtor pode ter uma melhor qualidade de vida, aproveitando sua área para plantio com outros cultivos como feijão, produzindo alimentos para subsistência da família e agregando renda à propriedade, se lhe parecer melhor (SINDITABACO, 2011).

Além do tamanho das propriedades, a fumicultura possui outras características particulares no país conforme pode ser observado na tabela a seguir. Ainda nesta tabela, pode-se observar o grande número de famílias envolvidas na produção de fumo da região sul, e o grande número de pessoas ocupadas. A produção de fumo na região sul, além de suas características particulares, apresenta um intenso crescimento nos últimos anos. Na tabela 2 a seguir observam-se dados referentes à fumicultura brasileira onde os números são representativos o envolvimento e produtividade acerca do cultivo do tabaco.

Tabela 2: Aspectos sociais e econômicos acerca da fumicultura Sul-Brasileira nas safras de 2009 e 2010

Especificação	Ref.	2008/09	2009/10
Municípios Produtores	Un.	729	719
Propriedades	Un.	144.200	138.150
Tamanho médio propriedade	ha	16,1	16,3
Famílias produtoras	Un.	186.580	185.160
Pessoas ocupadas	Un.	876.930	870.250
Estufas	Un.	170.650	168.580
Área das propriedades	ha	2.319.380	2.244.990
Área com cobertura florestal	ha	600.670	599.410
Área com outras culturas /atividades	ha	1.344.650	1.369.550
Área com tabaco	ha	374.060	370.830
Produção de tabaco	Ton.	744.280	691.870
Produtividade tabaco	Kg/ha	1.990	1.866
Preço médio do tabaco	R\$	5,90	6,35
Valor bruto safra tabaco	R\$	4.391.252.000	4.393.374.500
Valor pro. veg./animal	R\$	2.382.923.890	2.577.326.400
Valor bruto total	R\$	6.774.175.890	6.970.700.900
Valor bruto total por família	R\$	36.307,00	37.647,00
Valor ha.prod. veg./animal	R\$	1.172,00	1.882,00
Valor ha. Tabaco	R\$	11.741,00	11.849,00
Renda <i>per capita</i>	R\$	9.554,00	9.907,00

Fonte: AFUBRA (2010)

Na tabela 3 a seguir observa-se que a produção na safra 2009/10 se comparada à safra anterior teve um ligeiro declínio embora a área plantada em hectares tenha recebido um acréscimo. É justificável devido à elevada precipitação pluviométrica ocorrida neste mesmo ano.

A região Sul Brasileira é grande produtora de Tabaco, fazendo com que o Brasil, contrariando a tendência mundial, lidere o crescimento da produção de tabaco.

Como maior exportador de tabaco do mundo, continua aumentando a produção fumageira enquanto países como EUA e Índia recuaram na produção (SINDITABACO, 2010).

Tabela 3: Produção Sul-Brasileira de tabaco, em toneladas (t), da s safras de 2009 e 2010.

Safra 2008/09	Virgínia	Burley	Comum	Total
Produção (t)	608.000	121.000	10.000	739.000
Área (ha)	305.000	65.000	6.000	376.000
Safra 2009/10	Virgínia	Burley	Comum	Total
Produção (t)	567.000	90.000	11.000	668.000
Área (ha)	333.660	60.300	8.040	402.000
*Safra 2010/11	—	—	—	-6 a 10%

Fonte: SINDITABACO (2010)

A tabela 4 representa o número de municípios do Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) e o grande número de famílias produtoras envolvidas por tipo de tabaco (*Virgínia*, *Burley* e *Comum*), dados estes verificados durante a safra de 2009/2010.

Tabela 4: A dimensão da Fumicultura Brasileira nos estados do sul, nas safras de 2009 e 2010

Tipos	Municípios	Famílias	Área (ha)	Produção (t)	Valor R\$
	Produtores	Produtoras			
Rio Grande do Sul					
Virgínia	172	73.280	153.360	279.660	1.831.773,00
Burley	221	21.060	27.160	37.310	216.398,00
Comum	32	440	410	810	3.402,00
Total	304	94.780	180.930	317.780	2.051.573,00
Santa Catarina					
Virgínia	132	32.420	101.650	204.680	1.332.467,00
Burley	161	17.320	22.620	36.690	209.500,00
Comum	52	430	360	590	2.449,00
Total	235	55.170	124.630	241.960	1.544.416,00
Paraná					
Virgínia	66	22.060	47.950	104.080	652.582,00
Burley	131	9.880	12.870	20.710	116.183,00
Comum	105	3.270	4.450	7.340	29.140,00
Total	302	35.210	65.270	132.130	797.905,00
Total Sul - Brasileiro					
Virgínia	370	132.760	302.960	588.420	3.816.822,00
Burley	513	48.620	62.560	94.710	542.081,00
Comum	189	4.140	5.220	8.740	34.991,00
Total	719	185.160	370.830	691.870	4.393.894,00

Fonte: AFUBRA (2010)

Já a tabela 5 aborda a importância econômica no Brasil da fumicultura, retratando o faturamento no ano de 2009.

Tabela 5: Representação econômica das negociações com o fumo no Brasil em 2009

	Faturamento (R\$)	Vol.(t)	%
Consumo doméstico	11.043.813.900,00	97.300	13
Exportação	5.900.764.000,00	674.730	87
Total	16.944.577.900,00	772.030	100
Distr. da renda bruta R\$			
Tributos/governos	8.426.265.260,00	-	49,7
Indústria	3.027.743.370,00	-	17,9
Produtor	4.557.367.000,00	-	26,9
Varejista	933.202.270,00	-	5,5

Fonte: AFUBRA (2010)

De acordo com a tabela abaixo extraída dos registros da AFUBRA, observa-se a importância social da fumicultura na Safra de 2008/09 onde se percebe a geração de empregos diretos proporcionados pela indústria fumageira.

Tabela 6: A importância social em relação aos empregos diretos e indiretos oportunizados na safra de 2008/09

	Empregos Diretos	Empregos Indiretos	Total
Lavoura	1.050.000	-	1.050.000
Indústria	30.000	-	30.000
Diversos	-	1.440.000	1.440.000
Total	1.080.000	1.440.000	2.520.000

Fonte: AFUBRA (2010)

Na tabela 7 a seguir, podem-se observar as safras de produção nas lavouras de fumo no Brasil, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, representados em toneladas, e a classificação dos tipos de fumo: Virgínia, Burley e Comum.

Tabela 7: Projeção da produção Sul-Brasileira de tabaco em toneladas (t) nas safras de 2009, 2010 e 2011

Safra 2008/09	Virgínia	Burley	Comum	Total
Rio Grande do Sul	321.890	50.130	790	372.810
Santa Catarina	200.870	41.850	690	243.410
Paraná	95.110	23.510	9.440	128.060
Total	617.870	115.490	10.920	744.280
Safra 2009/10	Virgínia	Burley	Comum	Total
Rio Grande do Sul	279.660	37.310	810	317.780
Santa Catarina	204.680	36.690	590	241.960
Paraná	104.080	20.710	7.340	132.130
Total	588.420	94.710	8.740	691.870
Safra 2010/11 (Estim.)	Virgínia	Burley	Comum	Total
Rio Grande do Sul	307.470	48.960	720	357.150
Santa Catarina	195.350	36.210	630	232.190
Paraná	94.650	21.310	8.520	124.480
Total	597.470	106.480	9.870	713.820

Fonte: AFUBRA (2010)

Todos esses dados abordados comprovam a superioridade do país no setor, deixando-o como o segundo maior produtor de tabaco do mundo, superado apenas pela China.

Uma das preocupações no setor é a forte valorização do Real frente ao dólar. O tabaco brasileiro já foi um dos mais baratos no mercado mundial e com essa queda do dólar está tornando-se pouco competitivo, podendo deixar margem para que os compradores consigam encontrar preços melhores e com qualidade equivalente em outros mercados, acontecendo isso nosso produto pode perder espaço (SINDITABACO, 2011).

3.1.3. A evolução das práticas de manejo do solo

Nos anos 80 registrou-se uma grande expansão na agricultura, incentivos para aumentos de produção, mecanização, expansão do cultivo da soja. Foi englobada neste contexto também a agricultura familiar que, com pequenas áreas, ou seja, minifúndio teve que aproveitar ao máximo todos os cantinhos do solo para o cultivo, pois o cultivo em destaque era a soja que necessita de grande extensão territorial.

Neste período ocorreu grande degradação do solo e terríveis perdas em função de erosões. Houve também um acentuado desmatamento para cultivar essas áreas, os produtores adotaram pacotes tecnológicos (agrotóxicos, adubação, sementes) e queriam produzir, sem mensurar impactos. Não havia uma assistência técnica adequada, nem os produtores procuravam ser assistidos.

A perda da melhor camada do solo foi desencadeada pelo seu manuseio de forma inadequada, aliada ao cultivo contínuo de soja que deixava o solo muito descoberto, também o uso intensivo de herbicidas e mecanização (pulverização do solo), ao declive dos terrenos das lavouras e à inexistência de curvas em nível ou Terraceamento. Logo, os volumes produzidos começaram a diminuir, a rentabilidade passou a ser cada vez menor, houve então uma conscientização de que algo deveria ser feito (AFUBRA, 1999).

Neste período os técnicos da EMATER, orientadores e/ou instrutores das empresas fumageiras, as secretarias de agricultura de municípios, entre outros órgãos, realizaram fortes campanhas conservacionistas, terraceamentos, curvas em

nível, cordões vegetativos, e recomendação do plantio direto. Porém, neste período sem obter êxito, devido ao solo sem estruturação, não se realizava a correção (calagem) e descompactação necessárias (AFUBRA, 1999).

Aos poucos o plantio do tabaco ganhava novos adeptos, principalmente pela pouca área de solo necessária e pela comodidade de receber em casa todos os insumos necessários para constituição da lavoura e, também, por vislumbrarem uma alternativa de renda.

Neste período o sistema de cultivo predominante era o convencional, ou seja, todo solo era revolvido (lavrado), gradeado, para posterior fertilização em linha onde era confeccionado o camalhão, e o produtor cultivava a lavoura por várias vezes até o desenvolvimento da planta. As perdas e o empobrecimento do solo continuavam ocorrendo, os produtores aplicavam quantidades cada vez mais elevadas de fertilizantes (AFUBRA, 2010).

No ano de 2003 precipitações pluviométricas elevadas ocorreram e as safras foram de pouca produção, mais uma vez uma forte campanha conservacionista foi criada, incentivando a adoção de sistemas alternativos como o cultivo mínimo e o plantio direto sobre camalhões altos e de base larga, com ou sem palhada. O programa está obtendo grande êxito, devido ao fato de existir grande número de tratores no interior, o que facilitou muito o sucesso deste novo método de cultivo. Já há notáveis melhoras na fertilidade do solo, inclusive com produtores diminuindo as quantidades de nitrogênio aplicadas (AFUBRA, 2010).

Os produtores têm optado pelo plantio direto com pré-camalhão² reduzindo inclusive a mão de obra no preparo das lavouras, o que significa também redução de custos, pois o solo não necessita ser revolvido (lavrado), nem cultivado.

A figura 2 abaixo mostra lavoura preparada para receber plantio direto de fumo, com pré-camalhão e boa massa de cobertura, que na ilustração já aparece dessecada. E no detalhe podemos verificar também que o solo foi preparado de acordo com as curvas, assim cada camalhão funciona também como terraço.

² Pré-camalhão: confecção de canteiros nos quais o fumo é transplantado - antes deste plantio, é feita a semeadura do cultivo de cobertura que na maioria das vezes é aveia, cuja palhada é dessecada no estágio de espigamento para após receber o plantio das mudas de fumo.



Figura 2: Lavoura preparada para receber plantio no sistema de cultivo direto com Pré-camalhão e palhada dessecada
Fonte: Arquivo pessoal.

Na próxima imagem (Figura 3) temos a lavoura de fumo já constituída em fase inicial de desenvolvimento.

De acordo com dados coletados em Buainain (2009), expõem-se algumas vantagens do sistema de plantio direto de fumo com pré-camalhão:

- Possibilita a prática de agricultura sustentável;
- Em anos cujo clima é muito chuvoso, reduz os riscos de afogamento;
- Melhora a conservação do solo em termos de fertilidade e estrutura;
- Reduz os riscos da erosão;
- Mantém a umidade no solo em casos de faltas de chuvas por tempo mais prolongado;
- Reduz a mão de obra, ajudando a diminuir os custos de produção;
- Auxiliam na redução de certas doenças como o PVY (traças do vírus Y da batata) e murcha bacteriana;



Figura 3: Lavoura de tabaco em desenvolvimento vegetativo constituída no sistema de plantio direto em pré-camalhão.

Fonte: Arquivo pessoal.

3.1.4. Os volumes produzidos, exportados e suas receitas

É simplesmente inegável a importância econômica e, naturalmente, importância social da cadeia produtiva do tabaco no Brasil. Ela não é apenas geradora de empregos e de renda no campo e na cidade, esta atividade também assegura a sustentação de centenas de milhares de pequenos produtores que hoje possuem infraestrutura voltada basicamente para essa cultura.

Ao longo de décadas, e em muitos casos estimulados por linhas de financiamento oficial dos governos federal e estadual, os produtores se tecnicaram, além de instalarem e modernizarem unidades de cura e galpões. Atualmente, exploram com muita competência essa estrutura, da qual tiram seu sustento e com a qual geram receitas para o país.

Sendo assim, a indústria do fumo tem grande importância também como arrecadadora de tributos e taxas. Na safra de 2008 chegou às cifras de R\$ 8.496 bilhões (AFUBRA, 2010) e, na tabela 8, a seguir, percebem-se os maiores exportadores mundiais de fumo, com destaque especial para o Brasil que é principal exportador mundial e lidera com grande folga em relação aos demais países produtores. Porém um país africano teve significativo aumento de volume exportado

no período em análise, o Malawi que dobrou o volume comercializado, e a Argentina também teve considerável incremento nas exportações. Já a Itália com grande decréscimo em seu volume.

Tabela 08: Maiores exportadores mundiais de fumo, em toneladas (t), nos anos de 2008 e 2009

Países	2008	2009
1. Brasil	691.610	674.730
2. Índia	230.320	231.310
3. China	152.540	153.190
4. Malawi	69.770	140.070
5. Estados Unidos	125.530	126.070
6. Turquia	111.460	111.940
7. Argentina	53.110	83.340
8. Zimbabwe	65.660	71.560
9. Itália	124.270	55.500
10. Outros	665.980	642.260
Total mundial expor.	2.280.250	2.289.970

Fonte: AFUBRA (2010)

Com apreciadores em todos os continentes o fumo, esta presente no cotidiano de milhares de famílias, não só apenas de famílias produtoras de tabaco, mas milhares são os empregados das indústrias de beneficiamento e das fábricas de cigarros, das distribuidoras e transportadoras além dos estabelecimentos que exploram o comércio do fumo.

Além do consumo expressivo em todo o mundo, pode-se falar de uma relativa disseminação de sua produção, estatísticas da AFUBRA (2010), revelam que 119 países produzem algum tipo de fumo, incluindo desde o fumo de “mascar” até as variedades mais nobres de folhas, como os fumos Virginia e Burley. Estes últimos são os mais apreciados pelos consumidores e por isso os mais importantes para a produção do cigarro.

A tabela 9 a seguir faz relação entre cigarros e impostos no Brasil, no ano de 2005, essa tributação incidido sobre o produto final, ou seja, a venda do cigarro nota-se significativa nos valores declarados.

Tabela 9: Os Tributos incidentes sobre o cigarro e a margem econômica obtida pela indústria, varejo e fumicultor, no ano de 2005

Especificação	R\$	%
IPI	2.908.218.080,00	28,69
ICM Indústria	2.534.359.220,00	25,00
ICM Varejo	213.899.920,00	2,11
Selo de Controle	608.246.210,00	6,00
Cofins	358.865.270,00	3,54
PIS	90.932.810,00	0,90
Total Tributos	6.714.521.510,00	66,24
Margem da Indústria	2.055.655.030,00	20,28
Margem do Varejo	856.613.420,00	8,45
Margem do fumicultor	510.646.940,00	5,04
Total Geral	10.137.436.900,00	100

Fonte: www.receitafederal.gov.br

Já na tabela 10 demonstra-se uma relação com o ano de produção e a embalagem de cigarros com 20 unidades, onde se nota certa queda na produção durante determinados anos.

Tabela 10: A Produção Brasileira de cigarros no período de 2000 até Agosto/2010

Ano	Produção (embal. c/20un.)
2000	4.867.922.778
2001	5.346.219.997
2002	5.110.545.058
2003	5.353.050.062
2004	5.540.029.712
2005	5.614.441.534
2006	5.603.383.165
2007	5.701.585.971
2008	5.410.313.930
2009	4.925.672.958
2010*	3.000.762.829

*Até 18.08.2010

Fonte: AFUBRA (2010).

A respeito de um mercado expressivo, as campanhas contra o tabaco e os problemas político-institucionais em alguns países produtores pouco têm contribuído para a redução na produção mundial, como se pode observar na tabela 11 a seguir.

Tabela 11: Oferta e demanda mundial de tabaco entre os anos de 2003 e 2009

Ano	Produção		Consumo	Estoque	Expot./Import.
	Cru	Processado			
2003	6.500.140	5.850.130	6.200.300	5.297.370	2.088.600
2004	6.961.220	6.265.100	6.310.110	5.252.360	2.095.150
2005	7.022.370	6.320.130	6.325.130	5.247.360	2.241.390
2006	6.937.080	6.243.370	6.160.680	5.330.050	2.293.200
2007	6.424.090	5.616.350	5.996.220	4.950.180	2.267.290
2008	6.348.020	5.713.220	6.002.220	4.661.180	2.280.250
2009	6.904.210	6.213.790	6.008.220	4.866.750	2.289.970

Fonte: AFUBRA (2010)

Os números mostram que são poucos os países que realmente têm significância na produção do fumo em folha. A China é responsável por mais de um terço da produção, destacando-se assim como o maior produtor mundial, como se pode observar na tabela 12 a seguir:

Tabela 12: Relação dos maiores produtores mundiais de tabaco, em toneladas (t) na safra de 2008/2009

Países	2008/09	%
1. China	2.229.920	32,3
2. Brasil	778.820	11,3
3. Índia	737.330	10,7
4. Estados Unidos	359.270	5,2
5. Malawi	231.980	3,3
6. Turquia	178.910	2,6
7. Indonésia	152.060	2,2
8. Argentina	135.560	2,0
9. Itália	102.920	1,5
10. Tailândia	63.620	0,9
Total mundial	6.904.210	100,0

Fonte: AFUBRA (2010)

O fumo tornou-se um produto de circulação mundial, adquirindo valor monetário universal. Como em todos os demais produtos, o consumidor é muito exigente, muitas marcas são lançadas para atingir os mais variados segmentos, observando-se a tabela 13, percebem-se os números de consumo mundial em milhões de unidades, sendo a China, além de maior produtor, também maior consumidor de cigarros com relação aos demais países.

Tabela 13: Consumo mundial de cigarros (milhões de unidades) no período de 2007 a 2009

	País	2007	2008	2009
1	China	2.749,530	2.741,270	2.744,010
2	Índia	463,200	461,810	462,270
3	EUA	439,530	438,210	438,640
4	Indonésia	147,210	146,770	146,100
5	Japão	141,390	140,960	141,090
6	Turquia	116,720	116,370	116,480
7	Brasil	110,720	105,900	97,070
8	Itália	40,810	40,690	40,730
9	Argentina	29,790	29,710	29,740
10	Tailândia	22,930	22,860	22,880
93	Outros	1.734,390	1.449,910	1.440,400
103	TOTAL	5.996,220	5.694,460	5.680,220

Fonte: AFUBRA (2010)

Analisando dados da tabela acima que contém enumerados os dez países que mais consomem cigarros no mundo, verificamos que no Brasil apresentou uma significativa redução de consumo de cigarros, embora todos os demais países tenham seu consumo contínuo ou com alterações quase insignificantes.

Em AFUBRA (2010) é abordada também a questão da elevada tributação que incide sobre a indústria cigareira no Brasil, as fábricas de cigarros renderam ao governo apenas no ano de 2007 aproximadamente R\$ 7,74 bilhões de impostos, neste ano a carga tributária correspondia a 70,56%. Sendo posteriormente reajustada e atualmente representa 77%, é a segunda maior taxaçoão ao setor no mundo, apenas a Dinamarca que cobra 83% supera.

4. OS MUNICÍPIOS COM MAIOR EXPRESSÃO PRODUTIVA

Segundo a AFUBRA (2010) os três estados do sul somados possuem 1188 municípios, sendo que o Rio Grande do Sul possui 496 municípios, o estado do Paraná 399, e Santa Catarina possui 293. A atividade fumicultura se fez presente em 719 municípios na safra 2009/10 de acordo com o anuário do tabaco deste mesmo ano. De acordo com estes números constata-se que a produção de fumo está presente em mais de 60% dos municípios do sul. Analisando-se as três últimas safras pode-se constatar que ocorreu um ligeiro declínio de municípios produtores, algumas comunidades com pouca tradição no cultivo acabaram deixando a atividade, na safra 2008/09 era de 729 municípios e em 2007/08, 731 municípios sul-brasileiros produtores.

Como se percebe na tabela 14, a produção de três microrregiões merece destaque, Santa Cruz, Pelotas e Camaquã se consolidaram como grandes pólos produtores na safra 2007 representando 54,8% e em 2008 alcançando 55,2% do total produzido pelo estado do Rio Grande do Sul, conforme dados da Fundação de Economia e Estatística (FEE, 2010) este predomínio vem ocorrendo desde a safra de 2003. Na tabela abaixo temos uma relação dos municípios brasileiros elencados de acordo com os volumes produzidos, ou seja, constata-se os maiores produtores nacionais, os dez municípios com maior expressão produtiva são gaúchos.

Tabela 14: Os Municípios mais representativos na produção de tabaco na safra de 2008

MUNICÍPIOS PRODUTORES	QTD. PRODUZIDA EM 2008 (t)
Venâncio Aires	23.650
Candelária	18.365
São Lourenço do Sul	17.850
Camaquã	16.940
Santa Cruz do Sul	16.800
Canguçu	16.547
Vale do Sol	14.575
Dom Feliciano	13.860
Arroio do Tigre	13.650
Agudo	12.750

Fonte: AFUBRA (2009)

Na cidade de Santa Cruz do Sul (RS) estão instaladas as principais empresas de beneficiamento/processamento e as três maiores fabricantes de cigarros, sendo que a seguir enumeram-se as quatorze empresas associadas ao Sindicato da Indústria do Tabaco: Alliance One Brasil Exportadora de Tabacos Ltda., ATC – Associated Tobacco Company (Brasil) Ltda., Brasfumo Indústria Brasileira de Fumos S/A, CTA - Continental Tobaccos Alliance S.A., Industrial Boettcher de Tabacos Ltda., Intab - Indústria de Tabacos e Agropecuária Ltda., JTI Kannenberg Comércio de Tabacos do Brasil Ltda., JTI Processadora de Tabaco do Brasil Ltda. (fabricante), Philip Morris Brasil Indústria e Comércio Ltda. (fabricante), Premium Tabacos do Brasil Ltda., Souza Cruz S.A. (fabricante), Sul América Tabacos Ltda., Tabacos Marasca Ltda., Universal Leaf Tabacos Ltda (SINDITABACO, 2011).

Observa-se que todas essas empresas contam com produtores integrados, tendo este produtor à liberdade de optar por vincular-se a uma ou mais destas empresas integradoras ao mesmo tempo, com isso, um detalhe interessante começou a ocorrer com esta expansão, isto é, tal produtor tem alternativa de comercializar sua produção diante de quem oferecer-lhe melhores preços, podem comercializar um tipo de fumo com um e outro tipo com outra empresa, pois lhe é permitida essa alternativa no que se refere a não exclusividade de comprador.

Em síntese, os produtores não contratam toda a área cultivada com uma única empresa, tentando assim atingir melhor comercialização.

A lavoura de fumo ocupa principalmente pequenas propriedades, minifúndios, e, por se tratar de agricultura familiar, são raros os casos de produtores que trabalham exclusivamente com o fumo. O mais comum é dividir as atividades entre o tabaco, a pecuária leiteira, aves, plantação de milho, feijão, batata, ou seja, praticam a policultura, na maioria dos casos para a subsistência das famílias, sendo o excedente comercializado favorecendo a sustentabilidade econômica.

A produção de tabaco teve no início década de 90, acentuado crescimento coordenado pelas indústrias, que intensificaram os financiamentos para os produtores construírem mais unidades de cura (estufas para secagem). Este financiamento, avalizado pela indústria fumageira, é tanto para a aquisição dos materiais necessários para o início da atividade, como também para os insumos necessários para o cultivo.

De acordo com dados da Afubra (2009) São Lourenço do sul na safra 2008 produziu 17.850 milhões de kg sendo o terceiro maior produtor de tabaco entre os municípios Brasileiros, superado apenas por Venâncio Aires e Candelária, respectivamente os maiores produtores nacionais.

O município de São Lourenço do Sul é extremamente agrícola a quase inexistência de indústrias faz com que a movimentação de recursos financeiros e a manutenção da economia local girem em torno da produção agropecuária, e de um modo direto depende em muito da rentabilidade do cultivo de tabaco.

6. A RENTABILIDADE DOS PRODUTORES

É simplesmente inegável a importância econômica, e, naturalmente, a importância social, da cadeia produtiva do tabaco no Brasil. Principalmente quando se analisam dados que representam a rentabilidade dos produtores e, além disso, todo o volume de recursos movimentados por este segmento agroindustrial.

As famílias produtoras de tabaco possuem em média propriedades com 16,1 hectares, a área cultivada com tabaco representa 15% da área total dos imóveis, porém quando analisamos a composição da renda dessas famílias o cultivo de tabaco representa 70% do montante. Na safra 2009/10 a renda per capita do setor foi de R\$ 9.907,00, nesta mesma safra a produção de tabaco alcançou uma rentabilidade média de R\$ 11.849,10 por hectare, comparando com a produção animal e vegetal que foi de R\$ 1.882,00 atingindo 15% do que produziu o tabaco. (AFUBRA, 2010).

Os dados evidenciam que a diferença entre a rentabilidade do cultivo de tabaco quando comparado com outras atividades é muito grande. Talvez alguns cultivos, como por exemplo, de temperos e algumas frutas como o morango, atinjam a equivalência, mas nem todas as famílias teriam condições de serem absorvidas por estas atividades, o mais provável é que prevaleça a lei da oferta e procura, aumentando a quantidade ofertada destes produtos logo o preço diminuiria. Além de não haver um conhecimento técnico sobre o cultivo destas espécies seriam necessários investimentos em infraestrutura.

Conforme divulgação da AFUBRA (2010), na safra 2009/10 a cadeia agroindustrial do tabaco movimentou cerca de R\$ 16,94 bilhões. Sendo que 49,7% foram impostos, taxas e tributos, arrecadações públicas aos produtores restaram 26,9%, as indústrias ficaram com 17% e o setor varejista 5,5%. Os números apontam para uma eficiente distribuição de renda, embora a tributação seja elevada, esse fluxo acarreta no aquecimento de outros setores da economia nos mais diferentes segmentos da sociedade e nas diversas etapas do processo produtivo.

Um exemplo de benefícios com a renda desta cultura é a possibilidade de várias famílias produtoras que vivem no interior possuírem acesso a internet e modernos sistemas de transmissão de TV como SKY e uma frota considerável de

veículos automotores novos, além de máquinas e equipamentos de última geração propiciando facilidade e praticidade em suas atividades.

6.1. COMPARATIVO DE RENDA: FUMO X OUTRAS CULTURAS

A diversificação de atividades ou cultivos nas unidades de produção familiar são quase sempre abordados e tem sido preocupação das entidades relacionadas ao setor, assim proporcionando incremento na renda e uma menor dependência do cultivo do tabaco. Conforme dados do MDA (2005) o plantio de tabaco é responsável por grande parte da renda gerada aos agricultores familiares, considerando que 97% da produção de tabaco provêm da agricultura familiar. E dessas famílias produtoras muitas têm propriedades menores do que um módulo rural, e tem nesta atividade uma boa rentabilidade nas pequenas áreas cultivadas, isso fica ainda mais evidente quando comparamos a rentabilidade do tabaco com outras atividades, constatamos grandes diferenças, conforme segue abaixo.

Comparativo entre algumas das principais atividades da agricultura familiar:

- Fumo → produção 1866 kg/ha x R\$ 6,35/kg logo teremos R\$ 11.849,10 hectare (considerando produção e preço médio da última safra 2009/10)
- Milho → produção 110 sc/ha x R\$ 22,00/sc renda R\$ 2.420,00 hectare
- Soja → produção de 50 sc/ha x R\$ 44,00/sc renda R\$ 2.200,00 hectare
- Leite → produção 1000 l/ha x R\$ 0,65/l renda R\$ 650,00 hectare

6.2. INVESTIMENTOS EM NOVAS TECNOLOGIAS

A fumicultura brasileira recebeu na última década consideráveis investimentos, que proporcionaram melhorias significativas em seu processo produtivo e tecnológico, que contemplaram praticamente todas as etapas da produção, dos canteiros de sementes ao plantio, dos tratamentos culturais à colheita, e da cura à classificação. Esses avanços, em muitos casos, seguiram a tendência mundial de redução de custos, de otimização da mão de obra (especialmente a familiar) e da busca de produtividade, hoje preocupações que acompanham o agronegócio em geral, seja dentro ou fora do país. Investimentos em novas

tecnologias são contínuos, pois produtores e empresas buscam a cada momento aprimorar, melhorar, tanto a parte técnica, quanto à mecânica e a genética, realizada nos centros agronômicos.

Atualmente existem muitas facilidades para os produtores realizarem melhorias através de investimentos e ou financiamentos; os bancos disponibilizam linhas de crédito para as mais diversas atividades e segmentos. A moeda está estabilizada e as taxas de juros são cabíveis aos produtores.

6.2.1. Produção de mudas

Uma das maiores evoluções no plantio de fumo foi o desenvolvimento do sistema *float* de produção de mudas. Foi uma técnica desenvolvida pela empresa Souza Cruz. No ano de 1997 a empresa lançou a modalidade para 15% dos seus produtores integrados e este sistema de produção de mudas mostrou-se muito eficiente e com inúmeras vantagens em relação aos canteiros convencionais, logo foi também adotado por todas as empresas do ramo. O sistema *float* (Figura 5) consiste em bandejas de isopor com células que são preenchidas com substrato ou condicionador de solo onde a mudinha desenvolve-se. Estas bandejas ficam imersas (flutuantes), dentro de túneis com fundo revestido de lona preta necessitam uma lâmina d'água em torno de 08 cm e são cobertos com lençóis plásticos - são verdadeiras piscinas, todos os nutrientes para o desenvolvimento das mudas são adicionados à água evitando assim a contaminação do solo.



Figura 5: Sistema *float* desenvolvido pela Souza Cruz para a produção de mudas de tabaco
Fonte: Souza Cruz/2011.

Segundo Buainain, um problema decorrente da adoção do sistema *float* é o destino das bandejas:

Essas bandejas de isopor possuem vida útil de cinco anos, sendo necessário descartá-las após esse período. Como não são biodegradáveis, seu descarte deve ser controlado. A Associação Brasileira de Poliestireno Expandido apresentou em 2003, um Programa de Reaproveitamento das Embalagens de APE. A associação sugere o reuso do material na fabricação de blocos e moldados, servindo à construção civil e sendo útil no próprio processo do poliestireno e no melhoramento dos solos, além de poder ser reutilizado na reciclagem química e na geração de energia por combustão (BUAINAIN, 2009, p. 95).

6.2.2. Estufas/Unidades de Cura

O surgimento de novos modelos de estufas para a secagem das folhas do fumo se deu a partir de 1999, como se pode observar na figura 6 a seguir:



Figura 6: Carregamento de estufa (tipo ar forçado) com grampos para secagem.
Fonte: Arquivo pessoal.

O modelo abordado refere-se a unidades de cura do tipo “ar forçado”, que consiste num sistema de ventilação, onde o fumo é colocado num ambiente que recebe calor através do deslocamento de ar proveniente de outro ambiente anexo, o qual contém a fornalha com combustão à lenha, que gera o calor necessário, e controlado de acordo com o estágio da secagem, onde se constitui de ventiladores

elétricos que conduzem o ar na temperatura necessária para realização de tal processo.

Com esse modelo de estufa o produtor conseguiu melhorar significativamente a qualidade final do seu produto, visto que essas estufas são equipadas com controladores de temperatura e umidade, facilitando o manuseio da secagem e, também estas proporcionam uma melhor vedação estrutural, pois independem as variações climáticas para funcionamento, bem como cabe salientar que tal processo conta também com uma significativa redução da mão de obra.

7. A LOGÍSTICA E SUA DINÂMICA

O transporte do fumo é realizado por autônomos, profissionais que prestam serviços às indústrias de beneficiamento. Essas pessoas são responsáveis pelo agendamento de carga, recolhimento e transporte até a empresa, quando no seu retorno ele entregará a nota fiscal na residência do produtor.

O tabaco é transportado em fardos, constituídos de feixes amarrados com as próprias folhas, são as manocas que dependendo da posição da folha na planta determina a quantidade de folhas por manoca, mas varia entre 25 e 35 folhas. Os fardos são confeccionados e amarrados com barbante (fio rami) e seu peso pode variar muito dependendo da qualidade do produto, mas gira em torno de 50 quilos.

Caso o produtor já tenha realizado pedido para safra seguinte, terá como frete de retorno o carregamento dos insumos que os respectivos produtores encomendaram.

O transportador, na maioria das vezes é uma pessoa conhecida, idônea, ligada a comunidade de onde realizará o trabalho de transporte. Ele possui ainda uma relação próxima com o agricultor, pois realiza diversas visitas durante a safra.

Esse vínculo entre transportador e produtor facilita a relação da empresa com o produtor. O transportador é elo importante no processo de produção e compra de fumo.

Os fumicultores, na maioria das vezes, não acompanham a entrega do produto às empresas, o que ocasiona em alguns momentos assimetria de informações, como na classificação, por exemplo, pois quando o produtor separa o fumo em sua propriedade não provém, ou não faz uso de recursos necessários (iluminação adequada) para uma classificação nos conformes dos parâmetros das indústrias, ocasionando o citado acima, outro fator é o desconhecimento por parte dos produtores da normativa que rege a classificação.

8. A RESPONSABILIDADE SOCIAL/AMBIENTAL DO SETOR

O respeito com o meio ambiente e também o atendimento a legislação não apenas por parte das indústrias, mas também dos seus produtores integrados são preocupações constantes do setor.

As empresas exigem comprometimento contratual dos produtores quanto ao consumo de lenha, apenas é permitido o consumo de lenha proveniente de origem legal, há vários anos existe um programa de florestamento, as indústrias disponibilizam mudas para que os produtores possam ocupar áreas não agricultáveis ou potenciais de plantio visando a autossuficiência.

Recentemente no Rio Grande do Sul foi firmado um acordo com o Ministério Público, onde as empresas se comprometem a não integrar produtores com filhos ou filhos de meeiros, ou sócios enfim a presença de menores em suas propriedades com menos de 18 anos que ainda não tenham concluído o ensino fundamental e que não estejam freqüentando regularmente a escola. Ficando ainda expressamente proibido a utilização de mão de obra infantil em qualquer etapa do processo produtivo, sob pena de rompimento do contrato, este acordo com o Ministério Público prevê elevadas multas a produtores e mais pesadas para as indústrias, logo, cada técnico, funcionário das empresas funciona como um agente fiscalizador e tem obrigação de notificar o produtor que estiver infringindo a lei.

Este mesmo acordo regulamenta também o correto armazenamento, manuseio, aplicação e descarte de agrotóxicos bem como a sinalização de lavouras nas quais ocorreu aplicação. Todos os produtores recebem orientação quanto aos cuidados necessários, como por exemplo, o uso de equipamento de proteção individual, que é fornecido e disponibilizado quando no momento da contratação da nova safra.

Além da orientação direta desenvolve-se programas e treinamentos de forma coletiva junto aos parceiros agricultores e á sociedade, o recolhimento de embalagens vazias de defensivos com finalidade de atender a Lei N° 9.974, de seis de junho de 2000, pode ser utilizado como exemplo, dando dessa forma o destino adequado a esses materiais, proporcionando a preservação do meio ambiente, oferecendo facilidade e segurança aos produtores com o manuseio de embalagens.

Este recolhimento é realizado por equipes terceirizadas, que percorrem pontos preestabelecidos de acordo com a concentração dos produtores nos diferentes municípios. Os pontos de coleta são antecipadamente divulgados em rádios, através da fixação de cartazes em estabelecimentos comerciais e comunidades com os respectivos roteiros e também convites individuais entregues aos produtores pelos instrutores de produção.

9. AS INSTITUIÇÕES REPRESENTATIVAS RELACIONADAS AO SETOR E SUAS ATUAÇÕES

Os produtores têm respaldo através da Instrução Normativa nº 10, de 13 de abril de 2007 ou outra que vier a substituí-la, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, que estabelece a classificação em grupos, subgrupos, classes, subclasses, tipos, e subtipos, segundo o seu preparo, sua apresentação e armação, sua posição nas plantas, cor das folhas e sua qualidade, respectivamente (AFUBRA, 2010).

A entidade de maior representatividade e reconhecimento como representante dos produtores é a Associação dos Fumicultores do Brasil (AFUBRA), apoiando os produtores e unindo forças para assim obter poder de negociação junto às indústrias beneficiadoras, acompanha e fiscaliza a comercialização, realiza levantamento, elaboração e apuração do custo de produção, possui amplo banco de dados estatísticos e informações em geral sobre o setor fumageiro.

Existem outras entidades que são ligadas aos agricultores e que participam ativamente do processo das definições e reivindicações de propostas dos fumicultores, participam das negociações, com as indústrias e organizam e mobilizam os produtores de tabaco. Merece destaque as Federações dos Trabalhadores na Agricultura dos Estados (FETAEP) as Federações da Agricultura (FAEP) do Paraná, de Santa Catarina (FETAESC) e (FEASC) do Rio Grande do Sul (FETAG) e (FARSUL), além do departamento rural da Central Única dos Trabalhadores (CUT) (AFUBRA, 2010).

A AFUBRA exerce outra atividade que distingue a cadeia produtiva do fumo, é o seguro da AFUBRA que funciona pelo sistema mutualista. O produtor ao inscrever sua lavoura de fumo se torna um associado e pago uma anuidade para resguardar sua lavoura dos temporais. Caso ocorra algum tipo de sinistro, o fumicultor será amparado, através do ressarcimento dos prejuízos, estufa danificada ou a lavoura destruída.

As normas que regem o mutualismo são discutidas e definidas com os associados anualmente em assembleias, tradicionalmente o regulamento prevê que os danos em estufas são pagos imediatamente após a avaliação dos prejuízos, possibilitando reconstrução ou reparos necessários para dar continuidade à safra e

as perdas ocorridas em lavouras são ressarcidas a partir da quitação da ordem de pagamento, que geralmente ocorre no momento da comercialização do tabaco nas indústrias.

De acordo com os dados da própria entidade, a grande procura a cada ano, e o elevado número de inscrições reflete a credibilidade que o Sistema Mutualista tem-se juntado aos produtores de tabaco. Na safra 2010 foram 131 mil produtores optantes pela adesão ao seguro mutuo que a entidade oferece aos associados, esses números credenciam a AFUBRA como uma das maiores organizações ligadas a agricultura do país (AFUBRA, 2010).

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho contribuiu significativamente na evolução do processo de aprendizagem e também propiciou uma interação entre o meio rural e o meio acadêmico. O conteúdo abordado é de uma amplitude muito grande, uma vez que aborda a produção do tabaco, indústrias de beneficiamento, governo e consumidores, portanto, difícil de esgotar.

Esta produção conta com os milhares de agricultores familiares que são dependentes desta rentabilidade e que sobrevivem graças ao seu cultivo.

Na indústria, que fomenta a produção, milhares são os empregados que ganham seu sustento nessas fábricas, no transporte de milhões de toneladas produzidas, beneficiadas e exportadas.

O governo, com elevadíssimas taxas e tributos é quem fica com a maior fatia do montante, arrecada bilhões. As atuais estruturas de lavoura, indústria e comércio do fumo no Brasil, resultaram de fenômenos de concentração.

Quanto aos serviços de divulgação e difusão de tecnologias geradas pelo sistema de pesquisa, foram propagados através de orientação técnica aos produtores, gerando o Sistema Integrado de Produção e com o decorrer do tempo, produzindo fumos comparáveis aos melhores do mundo, logo veio atrelada grande procura pelo produto.

Nessa expansão, a implantação de alternativas de renda nas pequenas propriedades é fundamental para garantir a sustentabilidade do agronegócio, no entanto é inegável que o tabaco é praticamente imbatível como o produto base do minifúndio nos três estados do sul do Brasil.

Com o surgimento da AFUBRA, atualmente principal representação dos produtores, nas primeiras tentativas de obterem uma melhor remuneração para o fumo, não tiveram o êxito esperado, todavia, com obstinada insistência, as entidades representativas conseguiram sensibilizar as empresas para que realizassem rodadas de negociação nas quais seriam apontados os custos de produção que serviram de parâmetro para a fixação e melhora do preço do fumo na época, proporcionando inclusive o resguardo perante ocorrências provenientes de intempéries climáticas (granizo).

A cadeia produtiva do tabaco com todas as objeções encontradas, tais como, a Organização Mundial da Saúde impondo sérias restrições ao consumo do cigarro e a Convenção Quadro onde o governo brasileiro compromete-se a reduzir a produção e criar alternativas para os produtores gradativamente substituírem o tabaco por outros cultivos economicamente viáveis, mantém as famílias produzindo no meio rural dentro de suas pequenas propriedades, registrando-se um volume significativo de constante superação a cada safra e paralelamente à evolução tecnológica, a produtividade continua a ocupar papel de destaque na economia do país, principalmente nas regiões do sul.

REFERÊNCIAS

AFUBRA – Associação dos Fumicultores do Brasil. (1999a) Produção e receita dos fumicultores. Santa Cruz do Sul, 1999. Disponível em: <<http://www.afubra.com.br>>. Acesso em: 22 janeiro 2011.

_____. Relatórios de atividades. Santa Cruz do Sul: AFUBRA, 2006, 2007 2008, 2009, 2010.

_____. Anuário Brasileiro do Tabaco. Santa Cruz do Sul: Gazeta Grupo de Comunicações. 2006, 2007, 2008, 2009, 2010.

AMBIFUMO-Associação Brasileira da Indústria do Fumo

Disponível em: <<http://www.redetec.org.br/inventabrasil/float.htm>>. Acesso em: 26 jan. 2011.

BELING, Romar Rudolfo. A história de muita gente: um exemplo de liderança. AFUBRA 50 anos. Santa Cruz do Sul, 2006.

BUAINAIN, Antonio Marcio. Organização e funcionamento do mercado de tabaco no sul do Brasil. Campinas. SP. Editada da Unicamp, 2009.

Municípios do Brasil – Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Munic%C3%Adpios_do_Brasil>. Acesso em: 24 jan. 2011.

RIBEIRO, Ana Raquel; RODRIGUEZ, Luiz Carlos Estraviz; ZYLBERSZTAJN, Décio. Abastecimento de Madeira para a produção de celulose: uma aplicação de economia dos custos de transação. Revista de Economia e Sociologia Rural. Brasília, SOBER. v.38, n.4, p.9-28, out./dez. 2000.

SEFFRIN, Guido. O fumo no Brasil e no mundo. Santa Cruz do Sul: AFUBRA, 1995.

SINDITABACO – Sindicato da indústria do fumo. Sobre o setor. Disponível em:
<<http://www.sinditabaco.com.br/?link=setor.cidade>>. Acesso em: 12 jan. 2011.

Sistema *float* para a produção de mudas de tabaco. Disponível em:
<<http://www.souzacruz.com.br>>. Acesso em: 26 jan. 2011.

Os Tributos incidentes sobre o cigarro e a margem econômica obtida pela indústria, varejo e fumicultor, no ano de 2005. Disponível em:
<<http://www.receitafederal.gov.br>>. Acesso em: 27 jan. 2011.

Tabaco brasileiro faturamento do setor. Disponível em:
<http://www.afubra.com.br/principal.php?acao=conteudo&conteudo_id=128&i_id=1&u_id=3>. Acesso em: 27 jan. 2011.

Mapa do RS com regiões de COREDE's. Atlas de desenvolvimento Humano.
Disponível em: <[www.pnud.org.br/atlas/Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD](http://www.pnud.org.br/atlas/Atlas%20de%20Desenvolvimento%20Humano/PNUD)>.
Acesso em: 26 jan. 2011.